



# P.<sup>E</sup> HERMÍNIO ROSSETTI

(1874-1971)

Caríssimos Irmãos,

Não foi surpresa. Esperava-se de dia para dia, a toda a hora. Os salesianos da Casa Dom Bosco, abnegadamente, amorosamente, revesavam-se à sua cabeceira. Foram longas, dolorosas semanas de expectativa. A rádio e os jornais já vinham dando a notícia de que, na Casa Provincial dos Salesianos, se iam lentamente apagando os olhos que viram Dom Bosco.

Como no cimo do Gólgota, as 3 da tarde foram a hora do «consumatum est». Nesse momento, junto dele, estava apenas seu irmão P.<sup>o</sup> Luís Rossetti. Tinha-se apagado para as realidades terrenas a vida do P.<sup>o</sup> Hermínio. Era o dia 27 de Novembro de 1971. A notícia correu célere. Nos noticiários da tarde fizeram-se eco imediato do acontecimento que, se por sua natureza, era triste, apresentava qualquer coisa de jubiloso. Muitas pessoas hesitavam entre apresentar pêsames ou felicitações. E quase todas se decidiam pelas duas coisas contemporaneamente. Morreu «o nosso velhinho», diziam os salesianos, com um misto de tristeza, de saudade e de alegria misteriosa — que tudo isso tinha o condão de suscitar nos ânimos tal acontecimento. «O nosso santo velhinho», «a nossa relíquia», eram as expressões que de há muito se tinham tornado habituais nos nossos lábios para designar o P.<sup>o</sup> Hermínio Rossetti.

Foi quase um século de vida ao serviço de Deus e dos Irmãos, especialmente dos jovens mais pobres e desprotegidos.

Nascera em S. Martino, concelho de Conegliano, Treviso, Itália, a 20 de Setembro de 1874, de um casal profundamente cristão — Sante Rossetti e Abelia Carbas, que foi abençoado com mais dois filhos sacerdotes e duas filhas religiosas.

Aos 9 anos de idade perdeu a mãe, tendo ficado na orfandade com mais oito irmãos, o mais velho dos quais tinha então 13 anos. Foi um problema sério para o pobre pai, que não via possibilidade de uma conveniente educação para os seus filhos. Entretanto, a Providência quis vir em seu auxílio, através de Dom Bosco, que lhe aceitou dois deles no Oratório de Turim. Um deles era precisamente o Hermínio. Era o dia 10 de Outubro de 1887. Apesar da sua tenra idade, os contactos que teve com Dom Bosco durante os breves meses que com ele passou no Oratório, ficaram-lhe indelévelmente gravados no espírito. Dom Bosco já se mostrava alquebrado pelos anos, pela doença e principalmente pelo desgaste de toda uma vida de trabalho sem tréguas ao serviço dos jovens; mas as palavras que de vez em quando lhes dirigia tinham o condão de os impressionar, de lhes penetrar na alma e de os estimular à santidade. O P.<sup>o</sup> Hermínio gostava de o recordar.

O contacto com as grandes figuras dos inícios da Congregação, D. Rua, D. Cagliero, D. Barberis, D. Bonetti, e tantos outros, e o clima de família e de alegria em que viviam, fez nascer nele o desejo de ser salesiano. No dia 10 de Outubro de 1891, precisamente quatro anos depois de ter dado entrada no Oratório,



começou o Noviciado em Foglizzo. Um mês depois, recebia a batina, das mãos do P.<sup>e</sup> Miguel Rua. Em Outubro do ano seguinte, emitia, em Valsalice, os votos perpétuos, com 18 anos de idade. Os estudos filosóficos foram feitos em Foglizzo e Valsalice, nos anos de 1891 a 1893, passando imediatamente ao curso teológico, em Treviglio, mas passando depois por diversas casas, até o terminar, em 1898. Mon. Cagliero conferiu-lhe as ordens menores, em Turim, em 1896. De D. Costamagna recebeu a ordem do subdiaconado, em Valsalice, em 1897. O Card. Ferrari ordenou-o diácono, em Milão, a 17 de Dezembro de 1898. Finalmente, do mesmo Card. Ferrari recebeu o presbiterado, no dia 1 de Abril de 1899. Tinha 24 anos.

De 1899 a 1909, vemo-lo passar por Catequista, Professor, Encarregado do Teatro, Assistente, Prefeito, em Treviglio. De 1909 a 1922, encontramos-lo na Suíça, em Maroggia, como Prefeito, Professor, Encarregado do Teatro. Em 1922, vemo-lo partir para Kimberley, na Austrália, como auxiliar de Mons. Ernesto Coppo, nas missões de Broom, Lombadina, Diamokrik, Carnarvon, etc.. De 1925 a 1927, trabalhou em Macau, como Prefeito e Professor, braço direito do então Director, P.<sup>e</sup> José da Silva Lucas. Em 1927, passa para Timor (Dili), onde fica dois anos como Director, vindo em 1929 para a Metrópole onde desempenhou, em Poiães da Régua o cargo de Mestre de Noviços e Professor do Seminário. No ano seguinte, vem para Lisboa — Oficinas de S. José — onde fica até 1933, como Catequista. Em 1933, é de novo eleito Mestre de Noviços e vai para o Estoril, onde fica até 1935. De 1935 a 1969, encontramos-lo sempre nas Oficinas de S. José, de Lisboa, tendo, nesse intervalo, desempenhado ainda os cargos de Catequista, Confessor, Secretário Inspectorial, Bibliotecário. Finalmente, em 1969, já velho e doente, tendo começado a funcionar a Casa Dom Bosco, passou para as novas instalações, a fim de poder estar mais confortável e mais bem atendido.

Foi um longo caminho, todo na esteira de D. Bosco, que teve a dita de conhecer pessoalmente. Para ele não havia férias. As férias, dizia, vão-se ter no Paraíso. Em 1962, já forçado a um limite de actividades devido à idade e às reduzidas forças, desabafava com o P.<sup>e</sup> Inspector: «O que mais me custa é já não poder trabalhar»; e: «gostaria de viver mais dez anos, para ajudar mais e poder terminar um trabalho para poder organizar a contabilidade». Em carta de 1 de Setembro de 1964, o P.<sup>e</sup> Mário Rassiga, secretário inspectorial da Inspectoria Chinesa, dizia: «Jamais vi, em tantos anos, um prefeito tão exacto, tão cuidadoso para o bem dos Irmãos e da casa e tão doce e paterno». O mesmo P.<sup>e</sup> Rassiga dá ainda este testemunho: «Todos os Irmãos lhe queriam bem...; o P.<sup>e</sup> Rossetti conquistou-lhes a confiança com a sua bondade preventiva, que não só sabia prover, mas prever as suas necessidades. As suas lições de ciências no incipiente Estudantado Filosófico, incipiente e desprovido de tudo, eram admiráveis pela clareza».

*Homem de fé e de oração* — Era um homem de Deus e de fé. O P.<sup>e</sup> Bartolo Fedrigotti, então Inspector da Austrália, mandava, a 6 de Novembro de 1964, um testemunho do Coad. Celestino Acerni, que todos nós podíamos subscrever, porque fomos testemunhas do mesmo: «... foi na Missão que o P.<sup>e</sup> Rossetti nos deu um maravilhoso exemplo de coragem, de fé e resignação. Quando as coisas não corriam bem, ele estava sempre a animar com as suas lembranças de D. Bosco e do P.<sup>e</sup> Rua. E conseguia restabelecer a paz, a confiança e a coragem com um grande e sincero sorriso... Ele era o nosso director espiritual, e só o bom Deus sabe o que ele fez para encorajar a todos e salvar os periclitantes naquelas condições tão inesperadas e sem comodidades».

Estava sempre pronto para atender as almas no Sacramento da Penitência, assim como atender algum doente, ou levar-lhe a Santa Unção. Nunca se recusava a pregar Retiros a salesianos, sacerdotes seculares, religiosos ou religiosas.

Todo os dias a comunidade o encontrava já na capela quando chegava para a meditação. E, à noite, era dos últimos a deixá-la.

Cumpria com espontânea exactidão todas as práticas de piedade, acompanhando os alunos ou os irmãos no intervalo das confissões.

Enquanto teve possibilidade de se levantar, não quis deixar de celebrar a Santa Missa, embora isso lhe custasse não leve sacrifício. Quando já não podia ir à capela, era no quarto que o fazia, ajudado pelo admirável e abnegado Coad. Duarte Capela, que nos últimos anos lhe fez de enfermeiro, sacristão, cireneu e confidente.

Entre as devoções suas predilectas podemos salientar a devoção ao Santíssimo Sacramento, ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora e às Almas do Purgatório.

Mesmo quando já não podia caminhar sozinho, na última doença, pedia ao dedicado enfermeiro que o levasse à capela, onde gostava de se demorar em colóquio com o Senhor. E quando já não podia levantar-se, gostava de ter o rádio transistor à cabeceira, a fim de poder acompanhar a reza do terço na Rádio Renascença.

Com muita frequência se unia ao Senhor repetindo jaculatórias.



Este espírito de piedade reflectiu-se de maneira impressionante nos últimos tempos da sua doença, especialmente nos momentos de crise, em que, semi-inconsciente, ia repetindo, misturando português, italiano, latim e inglês, expressões como esta: «Virgem Santíssima, ajudai-me!», «Sobriam duxi sine labe vitam», «In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum», «Maria, Auxilium Christianorum, ora pro nobis».

Um mês antes de morrer, precisamente no dia 26 de Outubro, chamou o enfermeiro e disse-lhe: «Escreve: Vivi sòbriamente; nunca ultrapassei os limites da temperança». E, de facto, todos os que de perto viveram com ele o podem testemunhar. Manifestou sempre um grande espírito de temperança e de mortificação. Cuidava da saúde como Deus quer; nunca se lhe notou exagero.

*Amor da pobreza* — Sofria quando via que se estragavam coisas. Apanhava o pão deixado, às vezes pelos cantos. Não receava avisar salesianos e alunos quando notava algum descuido neste sentido. Cuidava para que não se deixassem janelas abertas sem estarem devidamente travadas, ou luzes acesas.

Enquanto pôde caminhar com relativa facilidade, deslocava-se a pé, na cidade, em lugar de usar os transportes públicos.

*Amor pelos jovens* — Os rapazinhos mais pobres eram, em geral, os mais acarinhados por ele. Chamava-os amiúde, ensinava os mais pequenitos a lavar-se, a fazer a cama, a ordenar as coisas, etc.. Durante longos anos, de noite, passava pelos dormitórios para cobrir os pequenos, ou chamar algum que sofresse de enuresia nocturna. Tinha um prazer especial em preparar as crianças para a primeira comunhão, ou ensinar-lhes a ajudar à Missa.

*Alegria e humor* — Uma característica do nosso querido P.<sup>o</sup> Hermínio era a sua alegria e espírito de humor. Era expressão corrente nos seus lábios: «Estáalegre, está alegre». Quando se encontrava com os mais anciãos da Inspectoria — P.<sup>o</sup> Luís Maffini, P.<sup>o</sup> Paulo Colussi — gostava de brincar chamando-lhes «velhos». Ao P.<sup>o</sup> Maffini, já curvadinho, dizia: «Põe-te direito, meu velho».

*Amorosa vigilância* — Passava muitas vezes pelos vários ambientes da casa, a fim de evitar que acontecesse o mal. Se notava algum inconveniente ou falha ao regulamento, dava logo o alarme: Atenção, Sr. Director, P.<sup>o</sup> Catequista, P.<sup>o</sup> Conselheiro, Sr. Assistente!...

Este olhar atento fez com que se eliminassem muitos males à nascença.

Teríamos de ser muito longos se quiséssemos continuar a enumerar o rosário das suas virtudes, em tantas ele era exímio. O seu funeral foi um reconhecimento público e uma glorificação do humilde servo do Senhor por essas mesmas virtudes. Foi um afluir de Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, Antigos Alunos, Alunos, amigos da obra salesiana, à volta do féretro. Todos sentiam a necessidade de manifestar a sua homenagem de reconhecimento e admiração, porque todos tinham gratas recordações que os ligavam ao santo velhinho. A multidão encheu literalmente a vasta igreja de Nossa Senhora Auxiliadora à Missa de corpo presente. O entusiasmo com que todos cantavam a acompanhar a sagrada liturgia era a mais eloquente prova de reconhecimento pelas suas virtudes.

Perdemos um irmão e um pai na terra, mas alcançámos mais um protector no Céu. Todos estamos convencidos de que ele não precisa das nossas orações e sufrágios. Mas, no mistério da Comunicação dos Santos, nunca são perdidas as orações que se fazem pelos irmãos.

Aproveito a ocasião para enviar a todos os irmãos uma saudação fraterna e amiga e para pedir uma oração por esta casa e pelo vosso dedicado

Lisboa, 29 de Janeiro de 1972.

P.<sup>o</sup> José dos Santos Valinho  
Director



